

EM BEJA A ODISSEIA DUM CARREIRO

que está na cadeia por ter defendido
a sua vida contra um cabo da C. N. R.
que o tentou matar a tiro!

(Do nosso enviado especial)

BEJA, 21.—As cadeias fizeram-se para as vitimas... E a que existe, nesta cidade, tem sempre dentro das suas grades, quem confirma esta velha verdade.

Fomos lá visitar João António Alves Láro, cônqum conversámos largamente. A sua prisão, a história da sua prisão, que ele nos referiu, com simplicidade, merece ser contada:

A 21 de Maio, João António Láro, que é um carreiro bastante conhecido e muito considerado nesta cidade e em todas as províncias, que percorre no exercício do seu mister, dirigia-se a Ferreira do Alentejo. Ao chegar a Bringel, apeou-se. Como levava no carro uns foguetes que se destinavam a uma feira, pegou num, por brincadeira, e lançou-o ao ar. Um quarto de hora depois saiu da taberna que fica à beira da estrada pelo cabo da guarda republicana conhecido pelo cabo Ruivo. Como estivesse bastante embriagado deu-lhe para ir provocar o carreiro quando este se preparava para prosseguir na sua viagem. Censurou-o, sem razão alguma, pelo facto de ter lançado ao ar um inofensivo foguete. Como o carreiro nadalhe objectasse provocou-o e insultou-o.

O carreiro compreendendo que não era prudente retornar ao cabo, manteve-se impassível. A pesar desse propósito de evitar questões, foi agredido com duas batedas.

Nesse momento observou que não havia razão para ser assim agredido.

Então, o cabo, enfurecendo-se, rapou do terço e desatou-a a agredi-lo. O carreiro depois de lhe ter pedido inutilmente que não o agredisse pôs-se em fuga. O cabo pulou da pistola e disparou-lhe vários tiros.

José António Láro viu-se então colocado dentro desse dilema: ou defendia-se das intenções do cabo ou este matava-o a tiro. Convencido e justamente que tinha de defender a sua vida, num grande exaspero que lhe duplicou as forças, puxou da faca que costumam usar todos os carreiros e feriu o cabo. Este que momentos antes lhe gritara que duma maneira ou outra havia de o matar, começou a suplicar-lhe numa humilde cobardeza, que lhe poupasse a vida. O carreiro, já sem nenhuma espécie de ressentimento, deteve-se e ficou aguardando que viesse alguém para o cabo ser socorrido. Passado uns momentos chegaram dois soldados que prendem o Láro sem que este tivesse oposto resistência.

A vista dos soldados o cabo retomou logo o seu ar feroz e gritou: "prendam-me este ladrão". Esqueceu-se já da cobardia que antes manifestara e da generosidade com que o carreiro o tratara depois de ter feito com que ele não lhe continuasse disparando a pistola, com a intenção de o matar.

A existência do carreiro torna-se uma odisséia.

Os soldados da G. N. R. de Bringel vão buscá-la à cadeia e levam-no para o posto onde por três vezes o agredem violentamente. A mulher do cabo, uma megera ignóbil, incita os soldados e agrediu-o também.

Ao outro dia veio de Bringel para Beja acompanhado por soldados da G. N. R. Durante o caminho foi rudemente brutalizado. Ao chegar a esta cidade foi para o posto da guarda republicana, onde caiu nas mãos do tristemente célebre sargento Ramalho.

Ali foi novamente agredido. Com um re-quinto de malvadez próprio de facinoras fizeram-no sentar numa cadeia e cometaram contra ele as piores violências. Cangados, saciados, levaram-no para a cadeia onde o manteram dois dias, sem o deixarem fazer o menor curativo. Só findas as 48 horas é que ele pôde iniciar o seu tratamento que foi doloroso e prolongado.

Mais tarde o famoso "cabu Ruivo" veio à cadeia a provocá-lo. Queria ver-lhe o rosto—declarou-o—para mais tarde quando ele saiu da cadeia exercer uma vingança cruel.

Todos estão em liberdade; o cabo que agrediu e quiz matar o carreiro e os soldados que rudemente lhe bateram. O sargento Ramalho, autor de muitas agressões, todas elas repugnantes e cobardes, nunca foi incomodado.

Só está na cadeia o carreiro porque cometeu o "grande crime" de defender a sua vida e de ser agredido com requintada selvajaria.

Os presos do Caminho Novo foram maltratados!

Parece que estiveram para se praticar mais atentados
contra os detidos—Prisões que não se justificam
Homens que não podem continuar presos

Foi anteontem levantada a incomunicabilidade aos presos na esquadra do Caminho Novo, que todos para ali foram enviados há mais de um mês.

A polícia lembrou-se enfim de pôr termo a essa iniquidade, que a própria lei, que diz que ela defende, condena.

Para lá nos dirigimos ontém a saber como fôra passado esse interminável período de bárbaro isolamento.

Chegados junto ao calabouço logo avisámos Manuel Viegas Carrascalão, que pronunciou os atende.

Visitas já temos, diz-nos—mas isso não é ainda. Estamos aqui há mais de um mês, e quase todos andam adocionados pelas más condições do calabouço.

— E o pessoal da esquadra?

— Desses não temos razão de queixa. Temos tratado bem.

— Excepção feita ao guarda 2248—diz-nos outro preso do lado—que é um verdadeiro brutinho, tendo chegado a maltratar as vítimas.

— Olhei! diga lá também que nos fazem censura à correspondência. O que para fôr mandamos é feito pelo cabo—grita outro lá de fundo.

— Volta a falar Viegas Carrascalão:

— Próximo em Loulé, conduziram-me a Lisboa algemado, sem consideração alguma pelo meu estado. (Carrascalão é cônqum de um perna e paralítico de um braço.) Estive três dias no governo civil, e fui para aqui enviado.

— Os motivos da prisão?

— Disseram-me estar acusado de tomar parte no atentado ao comandante Ferreira do Amaral. Depois informou a polícia para os jornais que eu tomara parte em reuniões preparatórias do atentado, que teriam começado a 1 de maio. On 3 de abril a 14 de maio andei fora de Lisboa, em propaganda da C. G. T. e da Federação do Livro e do Jornal.

— E quando chegaste?

— No dia 15, às 14 horas, precisamente no dia em que se deu o atentado, mas quando ele se deu encontrava-me numa taberna onde costume tomava as minhas refeições, o que é testemunhado pelo proprietário e por outras pessoas.

— Disse-se na imprensa que eu fugira após o atentado? — Como podia eu andar fugido se andei pelo sul falando em várias sessões, as quais assistiam representantes da autoridade, tendo em algumas delas estado presente o delegado do governo, como em Monchique e Albufeira? Eis os crimes que a arguta polícia descobriu quer eu praticara.

— E foste alguma vez agredido?

— Eu não, mas estes meus companheiros que me contam.

— Só três—disse um preso—é que levaram pancada da brigada do chefe Xavier e desse mesmo: Severiano Faria Coelho, Rodrigo Rodrigues e Francisco Ramos Graca, mas a tarefa que levaram não a desejamos nós a ninguém, nós que vimos o estado em que eles ficaram.

Não há a mínima atenção da parte dos médicos pelos presos que adoecem

— E o José da Silva?

— Está para aí! Continua com hemoptise, mas o médico nenhum caso faz de. Ainda na sexta-feira aqui esteve e não lhe ligou importância.

— Ah! exclamou um detido—sobre dentes há que contar. Não é só o crime o que se está cometendo em deixar aqui o José da Silva neste estado.

Quais destes falam agora, sendo-nos difícil referir quanto dizem?

— O Severiano Coelho foi à consulta ao governo civil. O médico ordenou que lhe fossem feitos uns curativos. Pois enviaram-no para aqui e nunca mais houve novas notícias do enfermeiro, nem do médico.

— No mês passado o José Gordinho fez a greve da fome. Esteve seis dias sem comer. Pois o médico quando aqui veio, nem se deu ao trabalho de o auscultar.

— E ficou doente neste calabouço?

— Não! sempre se resolveram a tirá-lo de aqui, mas em vez de o mandarem para o hospital levaram-no para o governo civil.

— O agente Otelo nem queria que me dessem cama—diz-nos Gordinho—um outro entendia também que não era necessário, porque o "Alto de São João" lá estava a esperá-lo.

— E têm sido interrogados?

— Alguns. A P. S. E. a quem os processos estão entregues não se tem querido falar.

— Há também um caso curioso a registrar: Foram presos nove indivíduos como fazendo parte de um "complot". Um deles foi posto em liberdade. Quere saber qual?

— O que era acusado de ser o chefe e de ter distribuído bombas pelos outros?

— E os restantes estão aqui?

— Estão alguns.

As viaturas da polícia e as "pannes"...

— Mas ainda há mais e melhor. O Rodrigo Rodrigues que conte.

— O que se passou comigo—começa Rodrigo—é muito interessante.

— Há já duas levaram-me de "side-car" ao governo civil para ser interrogado.

— O "side-car", sem que eu compreendesse porque, demorou duas horas pelas ruas em evoluções, e, de vez em quando, tinha uma "panne".

— A certa altura, como as "pannes" na moto não dessem o resultado que elas esperavam, deixaram-na parada numa rua escura, comigo dentro, e ataram-me. Eu liguei. Isto parece que não agradou muito aos polícias que me conduziram, porque, pouco depois, chamaravam por mim. Eu é que der-

Recuaram?

RABAT, 22.—Os marechais Lyautié e Pétain e o general Naulin conferenciaram largamente sobre a situação militar.

O posto de Ain-Mastouf, cercado durante 15 dias, foi completamente libertado pelas colunas de socorro.

Os rifeños continuaram a recuar, reti-

rando para as montanhas.

Uma proeza dos rifeños

LONDRES, 22.—Segundo um telegrama

de Madrid para o Daily News as baterias rifeñas da costa de Alhucemas bombar-

daram um torpedeiro francês.

Notas & Comentários

A fé

No próximo mês de Agosto vai realizar-se outra peregrinação a Lourdes e a Roma. As peregrinações são actualmente os balões de oxigénio da fé. Muita gente tem fé, ou de escassa fé, colabora com a sua presença nessas peregrinações mais pelo prazer de viajar e de se divertir do que pelo amor às coisas sagradas. Mas como a Igreja vem, há muito tempo, vivendo mais das aparições do que das verdades, o que importa aos ilustres prelados não é a fé dos peregrinos, mas o número.

António Pedro

Faz hoje, ao certo, 36 anos que faleceu António Pedro. Os novos não conhecem esse grande artista e leriam com indiferença estas linhas se não houvesse um por menor a impressionar-lhes a atenção. Esse por menor é tocante e simples: António Pedro veio do povo, da sua parte mais genuína e sofredora. A ignorância em que viveu tinha-o condenado à obscuridate. Durante o passeio percebeu que os agentes que me conduziam falavam em "pannes", parecendo que se interessavam muito por problemas automobilísticos. — E também os deixaram abandonado no carro.

Também. Eu conto. Cheguei à esquadra de Belém, onde poucas horas estive porque, às 14 horas, de novo me meteram numas "camionette", sendo avisado pelo "chauffeur" de que não devia manifestar-me pelo caminho sob pena de sofrer algum díssabor.

— Para onde o conduziram então?

— Andei novamente evoluindo, até que se resolveram a parar o carro à porta da esquadra da Pampilhosa. Ai entram que todos abandonaram o carro, deixando-me sozinho dentro dele perto de uma hora.

— E que fizeram os agentes?

— Vendo que eu me não resolvia a fugir, porque coisa alguma me pesava na consciência, decidiram-se a levárm-me para o governo civil. Quando ali entrava, um agente perguntou a outro dos que me acompanhavam: — Enfim ainda o trazem vivo? — Se fosse em que tivesse prendido tinha-lhe estourado os miolos.

— Conduziram-no depois para aqui?

— Sim. Mais ainda fui interrogado pelo chefe Xavier, que me dirigiu um sem número de frases ofensivas.

— Que acusação lhe fizeram?

— A de tomar parte no atentado contra o comandante Ferreira do Amaral, mas como eu neguei tal acusação, e posso provar que quando se deu o atentado estava em casa, descobriram agora que eu devia tomar parte num atentado ao major Rodrigues, segundo noticiava O Século de terça-feira passada.

— Quere dizer, se uma acusação não resultou, inventa-se a seguir outra, para de qualquer maneira incriminar quem elas envolvem.

Eis o que nos disseram os presos na esquadra do Caminho Novo.

— Cremos haver, a informações bastantes para aquilatar do alto critério de justiça que tem presidido a todas estas últimas prisões, da consideração que à polícia merece a saída dos presos, da forma porque se preparam fugas de presos, que depois são alvejados a tiro, quando os pretendem recapturar...

Todos os presos estiveram trinta e mais dias incomunicáveis

São dez os presos na esquadra do Caminho Novo, a saber: António Luís Júnior, José Gordinho, Francisco Ramos Graca, Severiano Faria Coelho e Rodrigo Rodrigues, presos desde 4 de Junho, incomunicáveis 36 dias; Manuel Viegas Carrascalão e José da Silva, desde 11 de Junho, incomunicáveis 31 dias, o último destes tuberculosos; Paulo Soares, preso em 13 de Junho, incomunicável 29 dias; Hilário Gonçalves, preso a 15 de Julho, incomunicável 27 dias; e Júlio da Anunciação, preso a 19 do mesmo mês, incomunicável 23 dias.

As visitas a estes presos podem fazer-se das 10 às 11 horas e das 18 às 19.

O Século de anteontem dizia estar o preso José da Silva implicado numas reuniões para preparar um atentado ao major Rodrigues.

Este preso foi acusado já de ter tomado parte no atentado ao comandante Ferreira do Amaral. Passa-se com ele o mesmo que com Hilário Gonçalves, se uma acusação falhar inventam-lhe outra.

Alien disso há longos meses que está enfermo, não estando em estado de preocupaçao com causa alguma mais além da sua doença.

— Até final já não são...

Pela secretaria da guerra, foi ontem fornecida à imprensa a seguinte nota oficiosa:

— São desituidos de fundamento as notícias tendenciosas publicadas nos jornais da tarde de 21, e da manhã de 22, relativas ao pedido de relações de oficiais do exército que não mereçam a confiança dos comandos e à ideia que o governo teria de transferir tais oficiais.

— Isto significa nada menos que é imposto ao adolescente o espírito do militarismo.

As despesas para cada soldado do exército vermelho anda por 750 rublos por ano. Para os 562.000 soldados é, pois, necessária uma soma de 421 milhões e meio de rublos. Com essa soma a Rússia dos Sóviets podia comprar anualmente todo o trigo necessário para matar a fome da população dos seus distritos e satisfazer as suas necessidades mais urgentes.

Se se empregassem, para fins de cultura, as somas dedicadas ao exército, ou se se aplicassem à diminuição da miséria

Ainda os últimos acontecimentos

A propósito de uma entrevista

Publicou *A Batalha*, anteontem, a reportagem daida de um seu redactor a bordo do «Vasco da Gama», momentos antes de rendição deste barco. Aos informes colhidos naqueles momentos de angústia para os revoltosos, demos-lhe nôs a forma de entrevista. Manda, porém, a lealdade que se diga que nem o aspirante que citámos, nem qualquer outro oficial ou praça da armada soube que era entrevistado. Houve, é certo, uma troca de palavras, a colha de palavras soltas e, mais nada. Estamos informados de que se pretende agora aproveitar o que publicámos para prejuízo dos vencidos da última revolução. Protestamos! Libertários, presamos a liberdade de todos, inclusivé a dos nossos adversários; e, por isso, não quizemos de forma alguma prender a responsabilidade dum entrevista alguns dos condenados à absurda lei do silêncio.

O aspirante a que aludimos merece-nos tanto mais respeito quanto é certo que, conforme referimos, ele estava na situação de doente e, agriado pelo disciplina, foi forçado, talvez, à situação de revoltoso.

Isto, o que temos a esclarecer.

Realizou-se ontem o funeral de uma das vítimas

Pelas 13 horas de ontem, saiu do hospital de S. José, para o cemitério Oriental, o funeral do 1.º cabo 123 da 6.ª companhia de Infantaria, n.º 1, Delfim Soares Correia, que, como noticiámos, faleceu naquele hospital no dia 19 último, em consequência de ferimentos recebidos no tiroteio da Ajuda.

O faleiro encerrado em caixão de madeira, coberto com a bandeira nacional, era transportado num armão do Exército, tirado a duas paralelas, vendo-se nele grande número de ramos de flores naturais, e bastantes coroas, entre elas, uma oferecida pelos oficiais e sargentos de Infantaria 1, entra pelos cabos e sargentos do mesmo regimento, e outra pela família do falecido.

No acompanhamento bastante numeroso, viam-se o representante do sr. ministro da Guerra, comandante da 1.ª Divisão do Exército, Comandante da Guarda Nacional Republicana, grande número de oficiais, sargentos e praças de todas as unidades do Exército e Guarda Republicana, muitos amigos pessoas das relações do falecido. A guarda de honra era feita por uma força do regimento de que o falecido faz parte.

Faleceu ontem um dos feridos

Na enfermaria de Santo António do hospital de São José, faleceu ontem de manhã, Durvalino Gomes Pinho, de 21 anos, natural de Oliveira de Azeméis, soldado 92, da 2.ª companhia de Telegrafistas da Campanha, ferido no dia 19 último, na Ajuda.

Foi ontem transferido do quartel do Carmo, para o de marinheiros, onde ficou sob prisão, o capitão de fragata sr. Mendes Cabeças, sendo acompanhado pelo capitão de mar e guerra sr. Isaias Augusto Newton.

Atracou à ponte do arsenal de marinha, para onde fôr rebocado, o cruzador «Vasco da Gama», a fim de sofrer várias reparações.

NACIONAL

Está dando as suas últimas récitas a encantadora peça «Tio de minha alma», que nem huma pessoa amante de bom teatro, deve deixar de ir ver. O desempenho é esplendido e o entrecho de um grande pitoresco.

AGREMIAÇÕES VARIAS

Escola Nacional Republicana - 27 de Abril. — Prossegue hoje a discussão dos estatutos, às 21 horas.

Feridos com arma de fogo

Na Sala de Observações deram ontem entrada: Joaquim dos Santos, 20 anos, servente, natural e residente em Alverca, que quando ali examinava uma pistola a arma disparou-se, indo a bala atingi-lo na perna esquerda, e Manuel Arsénio, de 23 anos, jorneiro de 23 anos, natural e residente no Seixal da Lourinhã, que quando dispôsava uma arma caçadeira, esta rebentou, ficando ferido na cabeça e frago esquerdo.

Com uma pedrada na cabeça

Manuel Fernandes, de 28 anos, natural de Almôrte (Alvaizere), trabalhador e residente na calçada da Boa Hora, 33, 1.º foi há dias, à terra de visita a sua família. Anteontem, porém desenrolou-se ali uma violenta desordem entre vários indivíduos da freguesia do Almôrte e da Pousa Flores, nessa ocasião o Fernandes atingido com uma pedrada na cabeça que lhe fracturou o crânio. Pensado na localidade, veio para Lisboa, onde chegou ontem, sendo transportado ao Hospital de S. João, num auto da Cruz Vermelha, onde, depois de observado pelo cirurgião de serviço ao Banco, recolheu em estado grave à Sala de Observações.

**AVENIDA
OLODO**
HOJE
às 9 1/2 da noite

ALFREDO CORTEZ

Nos primaciais papéis femininos:
ADELINA ABRANCHES
ESTER LEÃO e CONSTÂNCIA NAVARRO

Uma ofensa imperdoável...

Infelizmente no estado actual em que a sociedade se encontra só quem tem automóveis para passear e sedas para cobrir os seus níveis corpos pode merecer atenções e favores daquelas a quem se dirige.

Os infelizes que apenas possuem a sua honradez como título nobiliário e o seu trabalho como fortuna, são séries de ante-mão votados ao desprêzo e à indiferença daquelas que a sorte bafejou com mais alguns furos na escala sociológica da humildade felizada.

Se o caso que vamos relatar se tivesse dado com algum analfabeto, poder-se-ia desculpar e acusar simplesmente a má sorte do ignorante que lhe não permitira ter os conhecimentos necessários para bem conhecer a diferença que existe entre uma boa e má acção.

Mas o caso passa-se com um médico.

Resumimos o facto:

Emilia Costa, uma pobrinha que trabalha desde manhã até à noite, tem uma filhinha de 3 anos que sofre de uma enfermidade na vista. Com o seu haveres não lhe permitem ir ao consultório de um especialista, decidiu-se na segunda-feira passada a levar a pequenina a consultar matinal da clínica oftalmológica do Hospital Militar da Estrela.

O médico de serviço nesse dia, cujo nome desconhecemos, parece que não é lá dos mais tratáveis. A criança doente, educada num meio de pobreza e, naturalmente não tendo aulas que a vigiem e a ediquem, pronunciou uma frase que o médico julgou ofensiva para a sua dignidade de filho de seus pais.

Julgaram os leitores que o Marte esculpino se riu ou que filhosfou sobre a miséria em que a maior parte da humanidade se vê submersa? Mas não — enfureceu-se tal maneira que chegou a atirar violentemente com uma toalha à cara da pobre mãe, a-pesar-desta lhe ter pedido desculpa e lhe ter explicado que a criança vivia nuns patios onde o rapaz, pouco respeitador dos principios e desconhecendo os Preceitos de Civilidade, grita e fala à sua vontade.

O mais grave, segundo nos consta, é que um enfermeiro, talvez para agradar ao médico, ao fazer o curativo à criança magoou com o punho fechado repetidas vezes, de forma que a criança saiu da consulta com os lábios inchados.

Até que ponto chega a baixeza humana, para que um médico se sinta offendido com uma frase duma criança de três anos e para que não se nutra a mínima parcela de respeito pela modestia dumha mãe que não possui os meios necessários para gastar algumas centenas de escudos num consultório da Avenida!

CONFERÊNCIAS

O álcool e a educação física

E' hoje, pelas 21 horas, que o dr. Nigro Basílio realiza no Ateneu Comercial, na Rua Eugénio dos Santos, a sua anunciada conferência sobre o tema «O álcool e a educação física».

Esta conferência é dedicada às associações de desporto e aos homens que se entregam aos exercícios físicos, sendo de esperar que devido ao interesse do assunto, a sala do Ateneu se encha completamente.

Foi ontem transferido do quartel do Carmo, para o de marinheiros, onde ficou sob prisão, o capitão de fragata sr. Mendes Cabeças, sendo acompanhado pelo capitão de mar e guerra sr. Isaias Augusto Newton.

Atracou à ponte do arsenal de marinha, para onde fôr rebocado, o cruzador «Vasco da Gama», a fim de sofrer várias reparações.

No Salão da Construção Civil

Uma festa a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.

Prossegue ontem a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.

Prossegue ontem a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.

Prossegue ontem a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.

Prossegue ontem a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.

Prossegue ontem a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.

Prossegue ontem a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.

Prossegue ontem a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.

Prossegue ontem a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.

Prossegue ontem a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.

Prossegue ontem a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.

Prossegue ontem a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.

Prossegue ontem a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.

Prossegue ontem a favor da escola sindical

Por motivo da suspensão de garantias, não se realizou, no passado dia 19, a anunciaada récita a favor da escola da Construção Civil, ficando transferida para o domingo próximo, às 20 horas, devido a ter o espetáculo de terminar impreterivelmente à meia noite.

Não podendo o grupo dramático «Solidariedade Operária» levar à cena o drama «Scenas de Miséria», substitui-lo-há pela peça «Um erro judicial», com o que nada se perderá.</p

MARCOPOSTAL

Panóias.—A. Gaspar.—Recebemos 10\$50 para a Renovação.

Pórt.—A. Ribeiro.—Recebemos a poesia, quanto aos \$900 ainda não chegaram. Esperamos resposta.

Vigo.—Juv. Sindicalista.—Recebemos 16100 para os presos.

Coimbra.—A. S. Januário.—Recebemos e agradecemos os novos assinantes para a Renovação. Indica aqueles que não têm recibido.

António Gomes.—Recebemos carta sem indicação do vosso endereço. Queira indicá-lo para lhe enviarmos o livro pedido.

Sempre novos artigos e novidades.

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais e artísticas de autores portugueses e estrangeiros. Livros tipográficos, catálogos, livros de escrituração, mapas de escrutínio, mapas de descarga de colas de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande abastecimento em material escolar, artigos de papelaria e escritório, sempre nos preços mais baixos do mercado.

Grandiosa obra de Vitor Hugo, «OS MISÉRIEIS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em grandes volumes a 10\$00, acrescentas ao valor de porte o embalagem para a prestação.

Os ingleses deixaram-nos então livres sob a lava?

— Sim, senhor, respondeu Conrado de Nointel;

que báculo é este?... parece-me ouvir rumores longíquos.

— Rumores! exclamou o senhor de Nointel olhando para o rege com o ar respeitosamente encorajado, que audaciosos se atreveriam a fazer rumor junto ao palácio do rei, nosso senhor e soberano!

— Não são só rumores, porém gritos ameaçadores, ajuantou vivamente o marechal de Champagne correndo a porta que abriu. E em seguida uma rajada

de furiosos clamores penetrou na câmara real; quase ao mesmo tempo um dos oficiais do palácio, correndo do fundo de uma comprida galeria, pálido e espantado, entrou correndo no quarto:

— Senhor, fujá! o povo de Paris invade o Louvre!

os guardas foram desarmados!

— A mim, meus amigos!... exclamou o regente,

pálido de terror, refugiando-se no leito, e tratando-se de se ocultar com as cortinas, defendendo-me; estes scelerados querem a minha vida. Ao primeiro sinal de perigo os marechais da Normandia e de Champagne, assim como alguns outros cortezões, tinham resolutamente puxado pelas espadas; Conrado de Nointel e o seu amigo o cavaleiro de Chaumontel, de um valor temperado sempre de uma extrema prudência, procuraram com os olhos uma saída protectora, enquanto que o senhor de Norville, saltando sobre o leito, trava de se ocultar debaixo da mesma cortina que o regente, exclamando:

— Eu não abandono o meu senhor. Repentinamente

uma segunda porta fronteira à da galeria, abriu-se e um grande número de oficiais do palácio, prelados, e senhores, entraram precipitadamente; tinham até então esperado numa sala vizinha o levantar do regente, e agora corriam com a cabeça perdida, gritando:

— O Louvre está invadido pelo povo!... Marcel

vem à testa de um bando de assassinos! salvai o regente!

Quasi no mesmo instante os cortezões viram aparecer no fundo da galeria que findava na câmara real, Marcel acompanhado de uma compacta multidão armada de piques, machados e cutelos. Estes homens, burgueses ou artistas de Paris, não lançavam nenhum grito; não se ouvia senão o ruído dos seus passos sobre as lages da galeria. O silêncio desta multidão armada parecia mais terrível que os clamores que ela lançava ainda há pouco. A sua frente avançava o presidente dos mercadores, grave e resoluto; um pouco

atrás dele vinha Guilherme Caillot, armado de um

— Rufino Quebra-Tudo de massa d'armas e

Mahiet o Advogado de espada na mão. Durante os

poucos instantes que Marcel levou a atravessar a galeria, os cortezões espantados formaram uma espécie

de conselho; porém nenhum dos seus pareceres con-

fusos e precipitados prevaleceu; o regente ficou oculto

nas cortinas da cama, assim como o senhor de Nor-

ville; a maioria dos cortezões, pálicos e tremulos,

mas que o respeito humano impedia de fugir, aperta-

ram-se na parte mais afastada do quarto, enquanto

que Conrado de Nointel e o seu amigo, menos esqui-

ulosos, tendo achado meio de se aproximar apres-

sadamente da segunda porta, que dava para o outror

quarto, esquivaram-se prudentemente.

Marcel apresentando-se à entrada da câmara real

não achou prontos a defender-lhe o acesso senão os

dois marechais de espada na mão. Mas, neste mo-

mento supremo, seja que o aspecto de preboste dos

mercadores lhes impusesse respeito, seja que reconhe-

cessem a iutibilidade de uma luta mortal para elas,

baixaram as suas espadas.

— Onde está o regente? perguntou Marcel com

uma voz alta e firme, desejo falar-lhe! ele não tem

nada a temer de nós.

O tom de voz do preboste dos mercadores era tão

sincero, a lealdade da sua palavra tão geralmente re-

conhecida, mesmo pelos seus inimigos, que cedendo

ao mesmo tempo a um sentimento de dignidade real,

e à confiança que lhes inspirava o caráter de Marcel,

o jovem príncipe saiu detrás das cortinas, animado

pela presença das gentes da corte, e pela atitude na

aparência impassível dos homens armados que aca-

bam de invadir o Louvre.

— Eis-me aqui, disse o regente dando alguns pas-

sos ao encontro de Marcel, e podendo apenas, a-pesar-

da sua profunda dissimulação, ocultar a cólera que

não sucedia ao espanto; que me querem?

Marcel voltou-se para os homens de que era se-

guido, pediu-lhes com o gesto e com o olhar para

ficarem silenciosos e não ultrapassarem a porta da

câmara real, onde ele só entrou; o regente depois de

— Os ingleses deixaram-nos então livres sob a lava?

— Sim, senhor, respondeu Conrado de Nointel;

que báculo é este?... parece-me ouvir rumores longíquos.

— Rumores! exclamou o senhor de Nointel olhando

para o rege com o ar respeitosamente encorajado,

que audaciosos se atreveriam a fazer rumor junto

ao palácio do rei, nosso senhor e soberano!

— Não são só rumores, porém gritos ameaçadores,

ajuntou vivamente o marechal de Champagne cor-

rindo a porta que abriu. E em seguida uma rajada

de furiosos clamores penetrou na câmara real; quase

ao mesmo tempo um dos oficiais do palácio, correndo

do fundo de uma comprida galeria, pálido e espantado,

entrou correndo no quarto:

— Senhor, fujá! o povo de Paris invade o Louvre!

os guardas foram desarmados!

— A mim, meus amigos!... exclamou o regente,

pálido de terror, refugiando-se no leito, e tratando-se de se ocultar com as cortinas, defendendo-me; estes scelerados querem a minha vida. Ao primeiro sinal de perigo os marechais da Normandia e de Champagne, assim como alguns outros cortezões, tinham resolutamente puxado pelas espadas; Conrado de Nointel e o seu amigo o cavaleiro de Chaumontel, de um valor temperado sempre de uma extrema prudência, procuraram com os olhos uma saída protectora, enquanto que o senhor de Norville, saltando sobre o leito, trava de se ocultar debaixo da mesma cortina que o regente, exclamando:

— Eu não abandono o meu senhor. Repentinamente

uma segunda porta fronteira à da galeria, abriu-se e um grande número de oficiais do palácio, prelados, e senhores, entraram precipitadamente; tinham até então esperado numa sala vizinha o levantar do regente, e agora corriam com a cabeça perdida, gritando:

— O Louvre está invadido pelo povo!... Marcel

vem à testa de um bando de assassinos! salvai o regente!

Quasi no mesmo instante os cortezões viram aparecer no fundo da galeria que findava na câmara real, Marcel acompanhado de uma compacta multidão armada de piques, machados e cutelos. Estes homens, burgueses ou artistas de Paris, não lançavam nenhum grito; não se ouvia senão o ruído dos seus passos sobre as lages da galeria. O silêncio desta multidão armada parecia mais terrível que os clamores que ela lançava ainda há pouco. A sua frente avançava o presidente dos mercadores, grave e resoluto; um pouco

atrás dele vinha Guilherme Caillot, armado de um

— Rufino Quebra-Tudo de massa d'armas e

Mahiet o Advogado de espada na mão. Durante os

poucos instantes que Marcel levou a atravessar a galeria, os cortezões espantados formaram uma espécie

de conselho; porém nenhum dos seus pareceres con-

fusos e precipitados prevaleceu; o regente ficou oculto

nas cortinas da cama, assim como o senhor de Nor-

ville; a maioria dos cortezões, pálicos e tremulos,

mas que o respeito humano impedia de fugir, aperta-

ram-se na parte mais afastada do quarto, enquanto

que Conrado de Nointel e o seu amigo, menos esqui-

ulosos, tendo achado meio de se aproximar apres-

sadamente da segunda porta, que dava para o outror

quarto, esquivaram-se prudentemente.

Marcel apresentando-se à entrada da câmara real

não achou prontos a defender-lhe o acesso senão os

dois marechais de espada na mão. Mas, neste mo-

mento supremo, seja que o aspecto de preboste dos

mercadores lhes impusesse respeito, seja que reconhe-

cessem a iutibilidade de uma luta mortal para elas,

baixaram as suas espadas.

— Onde está o regente? perguntou Marcel com

uma voz alta e firme, desejo falar-lhe! ele não tem

nada a temer de nós.

O tom de voz do preboste dos mercadores era tão

sincero, a lealdade da sua palavra tão geralmente re-

conhecida, mesmo pelos seus inimigos, que cedendo

ao mesmo tempo a um sentimento de dignidade real,

e à confiança que lhes inspirava o caráter de Marcel,

o jovem príncipe saiu detrás das cortinas, animado

pela presença das gentes da corte, e pela atitude na

aparência impassível dos homens armados que aca-

bam de invadir o Louvre.

— Eis-me aqui, disse o regente dando alguns pas-

sos ao encontro de Marcel, e podendo apenas, a-pesar-

da sua profunda dissimulação, ocultar a cólera que

não sucedia ao espanto; que me querem?

Marcel voltou-se para os homens de que era se-

guido, pediu-lhes com o gesto e com o olhar para

ficarem silenciosos e não ultrapassarem a porta da

câmara real, onde ele só entrou; o regente depois de

— Os ingleses deixaram-nos então livres sob a lava?

— Sim, senhor, respondeu Conrado de Nointel;

que báculo é este?... parece-me ouvir rumores longíquos.

— Rumores! exclamou o senhor de Nointel olhando

para o rege com o ar respeitosamente encorajado,

que audaciosos se atreveriam a fazer rumor junto

A BATALHA

DEFININDO DOUTRINAS

A Política de Moscovia

Semeando a dissensão no seio dos camponeses

Várias manobras moscovitárias têm sido tentadas em diferentes classes das cidades sem que, à parte, um reduzido número de sindicatos de Lisboa e um do Porto onde assentaram as suas bairas, tenham obtido o que têm em vista. Noutras limitam-se a uma acção obstrucionista, já que mais longe não podem avançar.

Como compensação procuram infiltrar-se nos sindicatos de trabalhadores rurais. A facilidade com que conquistaram o Beja, deu-lhes a esperança de se infiltrarem nos restantes com igual facilidade.

Eles não encontraram ali uma resistência séria. Observavam, por outro lado, que da parte da respectiva Federação havia um certo mutismo. Igual mutismo observavam por parte da C. G. T. e do seu órgão. Não compreendiam que esse mutismo era determinado pelo desejo de evitar polémicas que seriam tomadas como conflitos pelos menos preventivos, esperando sempre que uma decidida boa-vontade reconduzisse os moscovitários ao terreno do bom senso e da lealdade, de onde se afastaram nos seus primeiros movimentos. Persuadiram-se, pois, que tal mutismo não era senão sinal de fraqueza e de culpa, e, em vez de arriparem caminho, tornaram-se mais audaciosos e rententes, supondo agir já em terreno conquistado.

Pouco ou nada tendo conseguido no seio de outras classes, concentraram os seus esforços nos rurais, concorrendo às suas sessões e comícios com os seus melhores ornatamentos.

E um dia lembraram-se de pregar um chega na respetiva Federação — que era tão esquiva se tornava às suas tentativas concorrentes...

Durante o inverno passado, como sucede em todos os demais anos, os rurais, com as inclemências do tempo, sofreram com as maiores condições de miséria, que os salários baixos determinavam.

Esta circunstância constitui um filão a explorar. E, vai daf, os moscovitários, como quem não está para perder mais tempo, resolveram aproveitá-lo desse logo.

A lei dos foros constituiu mais uma razão — embora esteja dentro dos âmbitos demarcados pelo direito de propriedade individual e por isso só aproveite a um reduzido número de semi-proprietários. Mas, enfim, sempre haverá uma razão, cuja discussão não vem para o caso...

O importante é a manobra: Como era preciso colocar a Federação numa posição moral difícil, os nossos homens resolveram elaborar uma circular tipo "uma hipótese moção", que deveria ser aprovada por todos os sindicatos de trabalhadores rurais e por estes enviadas à sua Federação.

A iniciativa deveria partir dum sindicato. Mas, como a posição moral do sindicato de Beja era já conhecida da maioria dos restantes sindicatos — se essa circular é moção fossem propostas por si, os restantes ficariam, pelo menos, desconfiados e o resultado era muito problemático. "Nada" disseram, com os seus botões — é preferível que seja outra. E a iniciativa partiu do sindicato da Aldeia Nova de S. Bento, que fica a pouca distância de Beja.

A circular era concebida em termos e motivos dos mais sentimentois, como convinha no caso sujeito; e a moção terminava com as seguintes conclusões: "1º Que a Federação reclame e desenvolva nesse sentido uma grande acção para a abertura de trabalhos públicos: estradas, caminhos de ferro, aproveitamento de águas, construções de albufeiras, nacionalização da propriedade latifundiária e sua distribuição por famílias de camponeses, ou a entrega aos sindicatos rurais, com os respectivos créditos, técnicos, etc.; 2º Que a Federação desenvolva uma grande acção, para que os salários subam ao nível do preço das coisas essenciais à vida; 3º Que a Federação desenvolva, também, a sua acção, para que a lei 1045 seja revogada, pura e simplesmente".

AS GREVES

Prossegue sem desfalecimentos a dos operários mobiliários de Guimarães

GUIMARÃES, 20 — Com o ardor do príncipe da prossegue a greve dos operários mobiliários da casa Neves em virtude da qual patrão se recusa a atender a reclamação sobre o horário do trabalho.

Há dias realizou-se na sede do Sindicato Mobiliário uma importante sessão, na qual tomaram parte Abílio de Barros Guimarães, do S. Mobiliário do Porto, Félix Gomes e António Artur de Sousa do Sindicato da Construção Civil do Porto, delegados enviados a esta cidade para tomar parte na referida reunião. Além destes elementos fizeram uso da palavra alguns jornalistas, ficando resolvido prosseguir na greve até completa solução do conflito.

As comissões do Sindicato têm realizado várias demarques junto do delegado do governo, que resultaram inúteis.

A guarda republicana tem passado buscas, capturando já os grevistas José Coutinho, Domingos Silva, Manuel Barbosa, José Basílio, José Pereira Leite, Silvino Moura Nunes, Abílio Mendes e Alberto Fernandes. O amarelo José Luís da Silva foi o culpado dessas prisões.

A pesar das perseguições os grevistas não desanimam na luta, pois têm recebido todas as provas de solidariedade dos colegas de todo o país. — C.

A dos condutores de carroças

Continuam as adesões dos proprietários

A comissão de "démarches" tem a dar conta de mais as adesões dos seguintes proprietários: Bernardino R. Navires, Abel Assis, António Bernardino Gomes e Joaquim Malvas.

Continua em luta o pessoal das casas: Manuel Luís Fernandes Alves, Alfredo Rosario Faria, João Francisco, José Martins & C. Sebastião dos Santos, António Freitas.

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

As lutas do povo trabalhador no Japão

As crises económicas existem no Japão como em todo o mundo. No entanto a situação agravou-se depois do terramoto de 1923.

Os industriais japoneses têm passado maus bocados, porque não podem colocar as mercadorias nos mercados estrangeiros. A importação aumentou bastante em relação à exportação, e a moeda baixou uns 20% em relação ao dólar.

A carestia da vida e a desocupação são teríveis.

Os actos terroristas sucedem-se semanalmente. A nobreza e a alta burocacia defendem-se desesperadamente.

A reacção toma novas posições. As escolas militarizam-se, e o Estado exerce por meio de leis de exceção uma defesa contra os movimentos subversivos. No entanto, as greves tornam-se cada vez mais numerosas, e mais violentas. Reclamam aumentos de salários, a jornada de oito horas e o reconhecimento dos sindicatos, até agora considerados ilegais no Japão. Os sindicatos são tidos perante a lei como organizações de malfitantes, embora o governo já tenha prometido a abolição dessa lei bárbara, em virtude da acção directa do proletariado.

O movimento associativo toma um forte impulso, divorciando-se cada vez mais dos partidos políticos. Os membros da Federação Sindical Japonesa vão-se compreendendo de que só pela acção directa se poderá defender.

Os camponeses organizam-se, e têm-se unido em muitas ocasiões aos proletários das cidades. O mais provável, é que a revolução no Japão seja iniciada pelos camponeses, que são uma força subversiva de primeira ordem.

O movimento operário japonês tem uma grande influência no extremo oriente, e desde o momento que esteve no Japão a revolução social, esta estender-se-há a todo o mundo amarelado imediatamente.

O congresso mineiro em Inglaterra

No congresso especial dos delegados dos mineiros ingleses recusou-se aceitar as propostas dos proprietários para renovarem o acordo, que os levava a fazer parte do comité da nova aliança industrial e da federação internacional dos mineiros e do conselho geral das trade-unions.

O presidente da federação dos mineiros, Herbert Smith, declarou que, se um salário razoável não fosse assegurado, os mineiros deveriam empreender maior luta até agora travada na sua indústria.

As propostas patronais

As propostas patronais implicam a abolição da garantia dum mínimo de salários, o qual já está abaixo do custo da vida. Elas garantem aos proprietários um mínimo de lucro, qualquer que seja o padrão dos salários. Significam que a redução imediata dos salários iria de 13, 14 a 47, 91 % dos salários de base (redução de 2 a 4 xelins por dia em certas regiões).

Os delegados mineiros consideraram estas propostas inaceitáveis, e decidiram por unanimidade opôr-se a elas.

A hora é grave

O presidente da federação dos mineiros recomendou aos operários que se conservassem firmemente unitários. «A hora é grave», disse ele, impõe-se-nos uma crise e todas as medidas possíveis devem ser tomadas, para se resistir ao ataque, quaisquer que possam ser as consequências.

As propostas que fizeram os proprietários não permitem discussões nem negociações. Os patrões são os agressores. O inquérito sobre a situação da indústria carbonífera foi feito em comum, sem que tivessem feito propostas para remediar as constantes abusos que dentro das fábricas se verificam, conseguindo regalias a quem direito e que até hoje não têm gozado;

Considerando que é indispensável intervir, directa e intimamente, os sindicatos existentes na indústria, nos trabalhos preparatórios para a realização dum congresso ou congresso nacional, onde seja examinada, e porventura votada, a constituição da Federação dos Operários da Indústria Textil além de outras questões de interesse urgente para a classe;

b) consultá-los igualmente sobre se estão de acordo que essa reunião magna, atendendo à oportunidade e à economia de despesas, se deve realizar na localidade onde se vai efectuar o Congresso Confederado, e dias seguintes ao encerramento dos trabalhos do mesmo — ou outro local e em outras datas;

2º encarregar a citada comissão de se dirigir, desde já, à secção das federações da C. G. T. para os efeitos seguintes:

a) Convidá-la a prestar o seu concurso moral e material em todos os trabalhos respeitantes à realização da conferência ou congresso;

b) a nomear delegados directos, a fim de, junto com os membros da referida comissão organizadora, irem ao seio dos organismos textéis existentes fazer a necessária propaganda, organizando novos sindicatos onde seja possível;

3º autorizar a mesma comissão a estudar um orçamento de despesas e a lançar a todos os sindicatos da indústria uma cota por dia informado disso dum maneira formal; medidas serão tomadas pelas União aliadas e entre estas uma greve geral de todas elas, para assegurarem a vitória da União em conflito.

Cook e Smith da Federação dos Mineiros expuseram francamente a situação, e insistiram na necessidade de se realizar a aliança industrial o mais rapidamente possível.

Todas as comissões do Sindicato têm realizado várias demarques junto do delegado do governo, que resultaram inúteis.

A guarda republicana tem passado buscas, capturando já os grevistas José Coutinho, Domingos Silva, Manuel Barbosa, José Basílio, José Pereira Leite, Silvino Moura Nunes, Abílio Mendes e Alberto Fernandes. O amarelo José Luís da Silva foi o culpado dessas prisões.

A pesar das perseguições os grevistas não desanimam na luta, pois têm recebido todas as provas de solidariedade dos colegas de todo o país. — C.

INSTRUÇÃO.

Instituto Branco Rodrigues

Fizeram ontem exames da 4ª classe na Escola Oficial Latino Coelho, de Cascais, os alunos do Instituto de Cegos Branco Rodrigues.

Joaquim Guerrinha, de Santiago do Caram, Manuel Guerreiro, de São Bartolomeu de Messines; António Fernandes, da Guarda; João de Sousa e António de Sousa, de Touzões, Castelo Branco.

O júri foi presidido pelo sr. Francisco Cruz, director da Escola Oficial de Cascais, que no final dos exames felicitou os alunos e a sua professora cega D. Luzia Guimarães, pelo resultado obtido com o ensino ministrado no Instituto.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

O padre é o velho inimigo do povo trabalhador e o aliado de todos os exploradores

INTERESSES DE CLASSE

Condutores de Carroças

É necessária a coesão da classe para manter e obter todas as regalias a que tem jus

A forma como os proprietários estão procedendo complica o conflito com os trabalhadores.

Estamos numa situação um tanto embarrado em face da nova tática dos proprietários de carroças, valendo-se de táticas artimanhas para não cumprirem o horário de trabalho, embora se tivessem comprometido a respeito-lo.

Aos operários compete neste momento atentar nos manejos dos proprietários e responder-lhes conforme as circunstâncias o determinem.

A energia empregada pelos condutores de carroças para levarem os proprietários a assinar um compromisso, não pode nem deve afrouxar, antes deve redobrar ante o procedimento de alguns, para levarem esses senhores a terem mais obridade e mais consideração pela nossa qualidade de trabalhadores.

Se assim não for, se depois da vitória dormirmos sobre os louros, cairemos no mesmo erro em que caimos depois do movimento de 1920, em que alguns condutores colaboraram com os proprietários atraçando toda a classe.

Nesta conjuntura o mesmo se vai dando.

É necessário que o espírito reivindicador de que estamos possuídos não afrouxe, porque não há apenas a conquista do horário a fazer, muitas outras necessidades há a satisfazer, e para tal é imprescindível que o mesmo entusiasmo se mantenha para a conquista dos restantes objectivos.

Não posso também deixar de lamentar que os condutores das casas que já assinaram o compromisso não auxiliem os que ainda lutam com os proprietários mais recentes.

É necessário que a estes não falte a nosa solidariedade, para que eles, com a coragem demonstrada num mês de luta, continuem firmes e indomáveis.

Impõe-se uma forte solidariedade para não sucumbirem na luta, que é de todos os condutores, que é de todos a classe.

A escravidão a que temos estado sujeitos tem de terminar.

Temos de nos impôr como classe organizada.

Há muito ainda a fazer, e só com uma segura coesão conseguiremos tudo aquilo a que temos direito.

Américo da SILVA

(Condutor sindicado)

CRISE DE TRABALHO

Operários das obras do Estado

A comissão do Sindicato Único da Construção Civil conferenciou ontem com o ministro do Comércio sobre a situação dos operários licenciados das obras do Estado.

Como aquele ministro se encontra demissão, não pôde o assunto ser tratado como exigia a situação de dezenas de operários pertencentes às margens do rio Ave e de Vizela;

Considerando que, tanto por dignidade própria, como por necessidade moral e material, urge por definitivamente termo a uma tal situação, para que, de futuro os operários da indústria textil, constituindo uma grande fábrica, ignorância e abandonio a que estão deitadas as populações da indústria textil, principalmente das margens do rio Ave e de Vizela;

Considerando que é indispensável intervir, directa e intimamente, os sindicatos existentes na indústria, nos trabalhos preparatórios para a realização dum congresso ou congresso nacional, onde seja examinada, e porventura votada, a constituição da Federação dos Operários da Indústria Textil além de outras questões de interesse urgente para a classe;

b) consultá-los igualmente sobre se estão de acordo que essa reunião magna, atendendo à oportunidade e à economia de despesas, se deve realizar na localidade onde se vai efectuar o Congresso Confederado, e dias seguintes ao encerramento dos trabalhos do mesmo — ou outro local e em outras datas;

2º encarregar a citada comissão de se dirigir, desde já, à secção das federações da C. G. T. para os efeitos seguintes:

a) Convidá-la a prestar o seu concurso moral e material em todos os trabalhos respeitantes à realização da conferência ou congresso;

b) a nomear delegados directos, a fim de, junto com os membros da referida comissão organizadora, irem ao seio dos organismos textéis existentes fazer a necessária propaganda, organizando novos sindicatos onde seja possível;

3º autorizar a mesma comissão a estudar um orçamento de despesas e a lançar a todos os sindicatos da indústria uma cota por dia informado disso dum maneira formal; medidas serão tomadas pelas União aliadas e entre estas uma greve geral de todas elas, para assegurarem a vitória da União em conflito.

Lida esta moção, foi também lido um ofício da secção de federações da C. G. T. que tratava igualmente do mesmo assunto. Devidamente apreciados os dois documentos, foi aprovada a moção e resolvido repôr ao ofício da C. G. T.

A comissão encarregada dos trabalhos acima indicados ficou assim constituída: Miguel Moreira, Leolindo Martins Ferreira, Santos Júnior, Ernesto Juvenal da Silva e António Pinto de Araújo.

A comissão, que reúne hoje pelas 19 horas, pede a todos os amigos e sindicatos que tenham em seu poder bilhetes para a festa do dia 15 de Agosto, para se beneficiar de um desconto de 50%.

Previnem-se os portadores de bilhetes para a festa de Francisco Júlio Pessoas, que devia realizar-se no domingo próximo, que devia ser transferida para o dia imediato, segunda-feira.

O governador recomendou àquele um rigoroso inquérito... C.

Vida Sindical

C.